

# A FONTE: INFLUÊNCIAS IBÉRICAS DOS JESUÍTAS NO RIO GRANDE DO SUL, ANALISADAS EM O TEMPO E O VENTO, DE ERICO VERÍSSIMO

Avanço de investigação em curso

GT 21: Sociologia da religião

Mariana Lima Marques  
Universidade Estadual de Campinas – São Paulo, Brasil.

## Resumo

O intuito do presente resumo busca introduzir uma análise de como no primeiro volume de *O Tempo e o Vento*, (O Continente) - romance histórico de Erico Verissimo - é abordada a questão da colonização e o papel dos jesuítas na impressão regional de valores decididamente Ibéricos na formação do Rio Grande do Sul. A partir de personagens como Pedro Missioneiro, um dos elos condutores de toda a história regida por Veríssimo, tentará se traçar um paralelo de como o *ethos* impresso pelos religiosos da ordem do Padre Ignácio de Loyola ajudou a moldar a identidade do estado brasileiro do Rio Grande do Sul.

**Palavras-chave:** Companhia de Jesus, Iberismo, Rio Grande do Sul, Erico Verissimo.

O presente trabalho vem ao encontro do tema estudado durante o Doutorado em Sociologia, em curso pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), São Paulo, Brasil, orientado pelo Prof. Dr. Rubem Murilo Leão Rêgo, que leva o título de *Herdeiros da Pampa Pobre: a trajetória dos filhos da oligarquia gaúcha após a Revolução Burguesa no Brasil*, que tem como foco a questão da Revolução Burguesa no Brasil, no que tange especificamente ao período que se inaugura a partir da Revolução de 30. O estudo tem a pretensão de analisar como, nas obras do escritor Erico Verissimo, a aristocracia falida do meio rural do estado do Rio Grande do Sul se comporta ao migrar para a capital Porto Alegre.

Dessa forma, não se pode ignorar na formação do Rio Grande do Sul, assim como na formação política, econômica e social do Brasil como um todo, as características advindas do mundo Ibérico que se imprimiram na nossa sociedade. Contudo, podem-se apreender tais elementos mais aprofundadamente quando analisado que, como foi exposto por Raymundo Faoro, para a América não migraram apenas caravelas e desbravadores, mas também, sobretudo no caso brasileiro, as heranças de um exclusivismo econômico e a perpetuação de um estamento político que macularia a nossa formação social.

O intuito da presente proposta busca introduzir uma análise de como no primeiro volume de *O Tempo e o Vento*, (O Continente) - romance histórico de Erico Verissimo - , é abordada a questão da colonização e o papel dos jesuítas na impressão regional de valores decididamente Ibéricos na formação do Rio Grande do Sul. A partir de personagens como Pedro Missioneiro, um dos elos condutores de toda a história regida por Veríssimo, tentará se traçar um paralelo de como o *ethos* impresso pelos religiosos da ordem do Padre Ignácio de Loyola ajudou a moldar a identidade do estado brasileiro do Rio Grande do Sul.

A formação do Rio Grande do Sul está intimamente ligada à ação dos jesuítas. Organizadores das missões que, principalmente durante o ciclo do ouro se concentraram no extremo Norte e no extremo Sul do país para se protegerem dos ataques oportunistas dos bandeirantes caçadores de índios,

eles se dedicaram especialmente à criação de gado, iniciando assim a venda de charque para diversas regiões do Brasil.

A descoberta do ouro na região das minas estimulou o surgimento de um mercado local até então inexistente na colônia portuguesa, propício para o desenvolvimento do comércio de carne seca. As páginas iniciais de *O Tempo e o Vento* inauguram a narrativa da saga das famílias Terra e Cambará, que se misturam justamente com a história da formação do Continente de São Pedro. Para que a família dos Terra tenha continuidade, é de importância ímpar a figura de Pedro, mestiço criado pelo Padre Alonzo, que decide fugir Continente adentro após assinatura do Tratado de Madri, em 1750 e a conseqüente Guerra Guaranítica (1756).

Assim, com já se enunciou, pretende-se com a presente comunicação, analisar como na construção do romance histórico de Veríssimo é abordada a questão da influência dos jesuítas na impressão de caracteres Ibéricos na identidade do gaúcho do Rio Grande do Sul.

*O Tempo e o Vento*, livro de três volumes – *O Continente*, *O Retrato e O Arquipélago* – composto pelo escritor gaúcho Erico Veríssimo, conta-nos a história de 200 anos de Rio Grande do Sul, a formação deste estado e a influência de diversos povos na cultura local. As características Ibéricas são, decididamente, formadoras do *ethos* desse peculiar estado brasileiro, uma vez que, durante a vigência do Tratado de Tordesilhas, fora ocupado tanto por portugueses quanto por espanhóis o ponto extremo ao Sul do Brasil.

Já no primeiro volume – *O Continente* – intercalando-se com os sete capítulos que darão conta de se esmiuçar o decorrer dos acontecimentos na vida da família tema deste livro, os Terra Cambará, o autor teceu as linhas de *A fonte*. Este é o capítulo que versa sobre os Sete Povos das Missões (São Borja, São Miguel, São Nicolau, São Lourenço, São João Batista, São Luís Gonzaga e Santo Ângelo), mais exatamente sobre a redução de São Miguel, e que introduz a história de Pedro Missioneiro, personagem que cabeceará a formação daquela que seria a mais proeminente família da cidade de Santa Fé.

A vida de Pedro Missioneiro, que seria filho de um vicentista e uma índia morta ao dar a luz, entra em concomitância com a do jesuíta Alonzo. Este viera para as terras que até 1750 pertenciam à Espanha, por conta do ainda vigente Tratado de Tordesilhas e passou a exercer as funções nos Sete Povos das Missões. Tinha o presente atormentado por um passado cheio de culpa por ter planejado assassinar o marido da amante, fato que não chegou a consumir. Nas reduções dos Sete Povos das Missões, padre Alonzo serviu de tutor ao pequeno Pedro, que acreditava ser filho de Nossa Senhora e tinha visões que previam o futuro. Padre Alonzo se preocupava com que a querela entre Portugal e Espanha acabasse por prejudicar os Sete Povos. Nas palavras de Veríssimo,

Naquela direção ficava o Continente do Rio Grande de São Pedro, que Portugal, inimigo da Espanha, estava tratando de garantir para a sua coroa. Um dia, em futuro talvez não mui remoto, os portugueses haveriam de fatalmente voltar os seus olhos cobiçosos para os Sete Povos. Fazia setenta e cinco anos que com o fim de estender ainda mais o seu Império na América, haviam eles fundado à margem esquerda do Rio da Prata a Colônia de Sacramento, a qual, desde então, passara a ser um pomo de discórdia entre Espanha e Portugal<sup>1</sup>.

Em *A Fonte*, Erico Veríssimo descreve a vida intrínseca das missões. A rígida rotina de seguimento do Evangelho, o processo de aculturação dos indígenas pela cultura e religião Ibéricas, a aprendizagem de ofícios e arte. São muitas as passagens de *A fonte* em que Erico Veríssimo mostra que os indígenas incorporaram o modelo europeu como ideal, como a que segue, em que uma índia, depois de uma experiência de quase-morte, conta aos padres de seu encontro com Deus:

---

<sup>1</sup> VERÍSSIMO, Erico. *O Continente*. Circulo do Livro, SP, 1982, p. 27

- Viste Deus?

- Vi.

- Como é Deus?

- É um homem grande, branco, de barbas compridas, sentado num trono de ouro, em cima de uma nuvem. Pay, como Deus é bonito!<sup>2</sup>

Ou ainda esta outra, quando o índio Inácio interpreta literalmente um versículo bíblico e decide arrancar seu próprio olho após se arrepender de espionar a esposa de outro homem da redução nua, e indaga ao Padre Alonzo:

- E se eu for para o céu, Deus me dá um olho novo?

- Claro, Inácio, claro. Deus te dará um olho novo.

Um curto silêncio.

- Padre, eu quer um olho azul como o de Pay Antônio.

- Está bem, Inácio. Reza e pede a Deus que te dê no céu olhos azuis como o de Pay Antonio.<sup>3</sup>

A partir da assinatura do Tratado de Versalhes em 1750 pelos países Ibéricos, a história dos Sete Povos das Missões sofreu uma reviravolta, marcada por guerra e destruição da civilização erguida pelos jesuítas. Por este Tratado, os Sete Povos, que pertenciam à Espanha, deveriam ser devolvidos a Portugal, em troca da Colônia de Sacramento, sem respeitar a empresa dos jesuítas nas terras que passariam às mãos de Portugal. Nas palavras de Veríssimo,

Todas as casas, Igrejas, edifícios, propriedades! Por meio de um frio pedaço de papel, el-rei movia as trinta mil e tantas almas daquelas reduções como se elas fossem utensílios de pouco ou nenhum valor! (...) Para principiar, era difícil encontrar do outro lado do rio terrenos apropriados para a instalação das aldeias com suas lavouras e estâncias de gado. Alonzo horrorizava-se à idéia de que para chegar ao terreno que estava reservado a seu povo, ao norte do Quenguai, teriam que percorrer duzentas léguas de deserto!<sup>4</sup>

Como a história conta, apesar da braveza do alferes real Sepé Tiaraju, os Sete Povos padeceram diante das tropas portuguesas que fizeram valer o Tratado de Madri. Pedro fugiu a galope, em um cavalo baio, carregando consigo punhal de padre Alonzo em direção ao Rio Grande do Sul. O punhal significará o elo entre as culturas que formarão o Rio Grande do futuro: simboliza uma arma cuja a forja os indígenas desconheciam a tecnologia, trazido da Espanha por um jesuíta que viera ser missionário nos Sete Povos das Missões. Caindo nas mãos de Pedro, o punhal será o elo entre as diversas gerações da família Terra Cambará: ao se refugiar nas terras do pai de Ana Terra, a moça, enamorada do índio, engravida e dá a luz a Pedro Terra, que por sua vez será pai de Bibiana. Esta última casa-se com o aventureiro Rodrigo Cambará, e a partir de uma manobra perspicaz, será responsável pela emergência de status econômico e social da família Terra Cambará na cidade de Santa Fé.

Na coletânea de textos sobre a memória das missões, *Fronteiras do Mundo Ibérico: patrimônio, território e memória das missões*, Serge Gruzinski diz que havia, entre os dois países do mundo Ibérico, fronteiras internas e fronteiras externas, das quais nos interessam aqui, para fim de análise, as

<sup>2</sup> Idem, p. 32

<sup>3</sup> Ibidem, p. 35

<sup>4</sup> VERÍSSIMO, Erico. *O Continente*. Circulo do Livro, SP, 1982, p. 53-54

primeiras. Segundo o autor, as fronteiras internas são singulares e combinam, além das diferenças, fatores de homogeneidade:

Os aspectos que aproximam as duas nações, sobretudo durante o período da União Ibérica, é o fato delas possuírem o mesmo monarca e instituições comuns no que tange à Igreja Católica e às ordens religiosas, como a Companhia de Jesus (que evidencia uma das bases da Contrarreforma), assim como o Islã como inimigo comum.<sup>5</sup> Indo mais além, o autor diz que a monarquia Ibérica fora o coração de um processo de mundialização. Os exemplos dados são que, o principal evangelista do Brasil, José de Anchieta, era basco, assim como o primeiro capelão do Santuário a Virgem de Guadalupe, do México, fora um português.

As missões religiosas promovidas pela Companhia de Jesus na América tinham como intenção não apenas a evangelização dos indígenas, mas também atender interesses econômicos. É sabido, por exemplo, que as reduções dos Sete Povos, além de autossuficientes, possuíam uma grande criação de gado, sendo a empresa jesuíta baseada no doutrinamento cristão dos ameríndios e uma rígida disciplina baseada em acordos a serem cumpridos com El' rei, não perdendo de vista os interesses econômicos e tratados de comércio com a vizinha Buenos Aires.

Às oito horas os índios que trabalhavam nas plantações e na estância reuniram-se como de costume na frente da Igreja e padre Alonzo fez-lhes uma pequena preleção. Disse-lhes que se colhessem muito trigo, teriam muita farinha; se tivessem muita farinha dariam serviço ao moinho; se o moinho trabalhasse, os padeiros poderiam fazer muito pão; e se todos tivessem muito pão, ficariam bem alimentados, e se ficassem bem alimentados Deus se sentiria feliz. Acrescentou que naquele ano precisavam exportar mais erva-mate e algodão para Buenos Aires, pois mais coisas exportassem mais dinheiro teriam, não só para pagar os dízimos ao rei de Espanha, como também para comprar remédios e instrumentos e oh! Sim – mais coisas belas para a Igreja: cálices, cruzes, castiçais...<sup>6</sup>

Além dos fatores que já se fez ressaltar acima, quando Jacques Leenhardt<sup>7</sup> analisa a influência Ibérica na arquitetura presente nos Sete Povos das Missões, este autor atesta que mesmo que só tenham restado dos Sete Povos ruínas, é possível analisarmos de antemão sobretudo nas páginas 20-21, imagens de fachada das Missões que comprovam que a arquitetura apresenta o pouco caso com a cultura indígena, não sendo possível observar traços da cultura ameríndia em nenhuma das construções. Leenhardt ainda acrescenta que, na imagem datada de 1846<sup>8</sup>, a cruz declinada representaria a decadência da empresa Ibérica.

Com já se ressaltou, dos Sete Povos só restaram ruínas. Porém, estas ruínas denunciam muito da presença do mundo Ibérico em nossas culturas, e, nas palavras de John Brinckerhoff Jackson, elas operam como um monumento a lembrar os termos de contrato entre os homens e o seu passado, entre o transitório e o eterno, entre a luta da memória e o esquecimento. Dessa forma, ficam para sempre no fincados no chão e no imaginário do gaúcho, um passado onde se tentou forjar sob as bases do ethos Ibérico, uma civilização que tiraria o ameríndio da barbárie, lhe encaminhando para os caminhos da salvação católica<sup>9</sup>.

<sup>5</sup> GRUZINSKI, Serge. *Fronteiras das missões e fronteiras da monarquia católica: a experiência de um franciscano, Martin Ignácio de Loyola* in *Fronteiras do Mundo Ibérico*. PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org). UFRG, Rio Grande do Sul, 2007, p. 10.

<sup>6</sup> VERÍSSIMO, Erico. *O Continente*. Circulo do Livro, SP, 1982, p. 34

<sup>7</sup> LEENHARDT, Jacques. *Visões de São Miguel das Missões*. in *Fronteiras do Mundo Ibérico*. PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org). UFRG, Rio Grande do Sul, 2007, p. 26

<sup>8</sup> Idem, p. 20

<sup>9</sup> JACKSON, John Brinckerhoff. *De La necessite des ruines et autres sujets*. Paris: Edition Du Linteu, 2005, p. 157.

Se levarmos em conta a tese de Walter Benjamin, o defender que a história se realiza antes de mais nada como catástrofe<sup>10</sup>, podemos dizer que as ruínas são o resto daquilo que um dia foi, mas se perdeu por um acontecimento, que pode ser uma guerra. No caso, a atmosfera florescente dos Sete Povos foi abreviada pelas Guerras Guaraníticas, pondo fim à civilização que os jesuítas forjaram no sul da América. O esquecimento daquelas áreas após a assinatura do Tratado de Madri, a formação das ruínas, e um depoimento coletado por Saint-Hilaire<sup>11</sup> que consta no texto de Sandra Jatahy Pesavento *Missões, um espaço no tempo: paisagens da memória*, que, rememorando os tempos das missões, os índios consideravam-no como “tempo de felicidade”, dada a proteção e civilização levadas pelos jesuítas, que culminou na retirada de aspectos particulares da cultura dos ameríndios, assim como levou a aculturação dos mesmos, sobretudo sob a égide da fé católica. Nas palavras de Pesavento,

Ela deve comportar o antigo, ou seja, o tempo acumulado. Ela é a exibição de uma obra, feita por outros homens, em outra época. É a marca de alteridade, pois. Como tal, ela assinala, para o espectador do presente, fatos e valores dotados de significado para uma comunidade. Não necessariamente ou em exclusividade os dos grandes personagens da história e dos grandes feitos, mas também os registros do passado que foram conservados pela memória social.<sup>12</sup>

Assim sendo, as ruínas dos Sete Povos das Missões são mais que restos de construção. Elas representam a herança de um tempo em que Portugal e Espanha formavam um único país, e ajudam explicar o *ethos* do gaúcho do Rio Grande do Sul, tão provido e influenciado de elementos ibéricos, engendrando indígenas, bandeirantes, tropeiros, portugueses e espanhóis.

Talvez, uma das maiores heranças do Iberismo deixada à cultura do Rio Grande do Sul tenha sido a figura de Sepé Tiaraju, considerado por muitos indígenas a uma versão de São Miguel, sendo inclusive, conhecidas as manifestações artísticas que representam o herói guarani tal qual São Miguel Arcanjo. No texto de Veríssimo, o responsável por difundir o caráter místico do lendário alferes real fora Pedro Missioneiro.

(...) Pedro, que rezava ajoelhado ao lado de Alonzo, tocou no braço do jesuíta e cochichou:

- Padre...
- O que é, meu filho?
- Sepé Tiaraju é o Arcanjo São Miguel
- Não diga heresias!
- É, padre. Eu sei. Olha pra cara do santo.

Alonzo olhou para a imagem e muito a contragosto descobriu-lhe nas feições traços do alferes real.

- Não contes isso a ninguém, Pedro.

Mas Pedro contou. Saiu a espalhar por todos os cantos que o Padre Alonzo lhe afirmara que o corregedor era uma encarnação do arcanjo.<sup>13</sup>

<sup>10</sup> BENJAMIN, Walter. "Origem do Drama Barroco Alemão", Trad. e org. de Sergio Paulo Rouanet. Ed. Brasiliense, SP, 1987.

<sup>11</sup> HILAIRE, Saint. Viagem ao Rio Grande do Sul 1820-1821. Belo Horizonte: Itatiaia 1974, p. 145

<sup>12</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Missões, um espaço no tempo: paisagens da memória*. in *Fronteiras do Mundo Ibérico*. PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org). UFRG, Rio Grande do Sul, 2007, p. 60.

<sup>13</sup> VERÍSSIMO, Erico. *O Continente*. Circulo do Livro, SP, 1982, p.58.

## Conclusão

O Rio Grande do Sul, localizado no extremo sul do Brasil e fronteiro, teve em sua cultura e formação social traços decididamente marcados pela cultura Ibérica. Um fator determinante para que isso ocorresse fora a União Ibérica, quando tropeiros e bandeirantes passaram a desrespeitar o Tratado de Tordesilhas e invadir o lado antes dominado apenas pela Espanha, sendo que o contrário também ocorreu.

Os modos de organização Ibéricos, que mais tarde marcarão caracteristicamente as idades da América Latina, já se faziam presentes nas reduções: a praça, a Igreja central (que nas palavras de Luiz Antonio Bolcato Custódio<sup>14</sup>, servia como um panótipo de organização e vigilância dos indígenas), o cemitério próximo à Igreja e as casas circundantes se assemelham muito com os núcleos populacionais formados pelos colonizadores Ibéricos, podendo ser observado nas cidades espanholas e portuguesas, mesmo que guardadas as devidas proporções, uma organização semelhante.

Assim, a presença dos jesuítas, sobretudo no espaço geográfico que hoje composto por ruínas – Os Sete Povos das Missões – inseriu características importantes: definiu o idioma do povo indígena, antes guarani como majoritariamente espanhol e inseriu a fé cristã, além de torná-los uma sociedade sedentária e afeitos à produção agrícola e pastoril. Nas letras de Veríssimo, o Padre Alonzo mostra-se espantado ao ver que os indígenas de sua redução deixavam extrapolar a sua barbárie quando do perigo em perder Os Sete Povos para os portugueses, na vigência do Tratado de Madri:

Em tudo isso, o que mais espantava Alonzo era ver que a piedade, a cortesia e as inclinações pacifistas dos indígenas não passavam de um tênue verniz que agora se quebrava para mostrar a natureza verdadeira daquela gente, que aos olhos dos padres de revelava com a força escandalosa duma nudez medonha. A antecipação da luta em todas as possibilidades de violência deixava-os intoxicados.<sup>15</sup>

Mas qual não fora a violência dos padres da Companhia de Jesus ao interferir e modificar completamente seu modo de vida? Seja como for, a empresa jesuíta fora fundante na formação do estado sulina brasileiro. Em *O Tempo e o Vento*, aquele que fora salvo e criado dentro das reduções será um personagem cabal para a formação da sociedade da cidade de Santa Fé. Pedro Missioneiro, ao fugir da guerra guaraníca, levando consigo o punhal de prata de Padre Alonzo, fundirá o sangue do mestiço (ou gaúcho de fato) com o de uma remanescente descendente de tropeiros – Ana Terra, que encabeçará a família dirigente da Santa Fé do século XIX, o já enunciado clã dos Terra Cambará. A herança de Pedro Missioneiro é simbolizada pela passagem do punhal de geração em geração dos Terra Cambará, sendo mais que mero objeto ornamental: ele consista numa personagem constante de *O Tempo e o Vento* em todos os momentos da saga.

## Bibliografia

BENJAMIN, Walter. "Origem do Drama Barroco Alemão", Trad. e org. de Sergio Paulo Rouanet. Ed. Brasiliense, SP, 1987.

<sup>14</sup> CUSTÓDIO, Missões, patrimônio e território. in *Fronteiras do Mundo Ibérico*. PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org). UFRG, Rio Grande do Sul, 2007, p. 71.

<sup>15</sup> VERÍSSIMO, Erico. *O Continente*. Circulo do Livro, SP, 1982, p. 54.

CUSTÓDIO, Missões, patrimônio e território. **in** *Fronteiras do Mundo Ibérico*. PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org). UFRG, Rio Grande do Sul, 2007, p. 71.

GRUZINSKI, Serge. Fronteiras das missões e fronteiras da monarquia católica: a experiência de um franciscano, Martin Ignácio de Loyola **in** *Fronteiras do Mundo Ibérico*. PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org). UFRG, Rio Grande do Sul, 2007.

HILAIRE, Saint. Viagem ao Rio Grande do Sul 1820-1821. Belo Horizonte: Itatiaia 1974.

JACKSON, John Brinckerhoff . De La necessite dès ruines et autres sujets. Paris: Edition Du Linteanu, 2005

LEENHARDT, Jacques. Visões de São Miguel das Missões. **in** *Fronteiras do Mundo Ibérico*. PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org). UFRG, Rio Grande do Sul, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Missões, um espaço no tempo: paisagens da memória. **in** *Fronteiras do Mundo Ibérico*. PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org). UFRG, Rio Grande do Sul, 2007.

VERÍSSIMO, Erico. *O Continente*. Circulo do Livro, SP, 1982